

# A LITERATURA HERMÉTICA: UM PERCURSO HISTORIAGRÁFICO

THE HERMETICA: A HISTORIOGRAPHIC  
OVERVIEW



André Effgen<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo analisa o percurso da Literatura Hermética na academia moderna, especialmente durante o século XX e o primeiro quartel do século XXI, destacando sua relevância como testemunho das interações culturais no Mediterrâneo antigo e sua importância para a história das religiões na Antiguidade. O estudo explora os principais debates sobre a origem desses textos, inicialmente centrados na interpretação grega, em resultado de estudos helenistas como os realizados por André-Jean Festugière. No entanto, abordagens reativas, como as de Philippe Derchain e Jean-Pierre Mahé, destacaram a importância das raízes egípcias desses documentos, especialmente após a descoberta dos códices de Nag Hammadi. A perspectiva multicultural de Garth Fowden e as recentes ideias de Christian Bull, que defendem a origem egípcia dos textos, moldam as discussões contemporâneas sobre o tema.

**Palavras-chave:** Literatura Hermética; Historiografia; Hermetismo Antigo.

## Abstract

This paper analyses the trajectory of Hermetic Literature within modern academia, particularly during the 20th century and the first quarter of the 21st century, highlighting its relevance as a testament to cultural interactions in the ancient Mediterranean and its significance for the history of religions in Antiquity. The study explores the major debates surrounding the origin of these texts, initially focused on Greek interpretations as a result of Hellenistic studies, such as those conducted by André-Jean Festugière. However, reactive approaches, like those of Philippe Derchain and Jean-Pierre Mahé, emphasised the importance of the Egyptian roots of these documents, particularly after the discovery of the Nag Hammadi codices. The multicultural perspective of Garth Fowden and the recent ideas of Christian Bull, who advocates for the Egyptian origin of the texts, shape contemporary discussions on the subject.

**Keywords:** Hermetica; Historiography; Ancient Hermeticism.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional (UFRJ). Mestre em Ciências das Religiões pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: andre.effgen@yahoo.com.br.



## Introdução<sup>2</sup>

Neste artigo, nossa intenção é discutir o percurso que a Literatura Hermética teve na academia moderna, sobretudo no séc. XX e primeiro quartel do séc. XXI, sendo um importante testemunho das interações culturais no Mediterrâneo antigo, constituindo-se assim em um objeto muito relevante à história das religiões na Antiguidade. Apresentaremos os principais debates relacionados a essas fontes e sobretudo a aquele que talvez seja o maior dentre eles e que subjaz todos os outros, a questão da origem dessa documentação.

A Literatura Hermética, tal como a conhecemos hoje, engloba um vasto conjunto de documentos que vão desde tratados filosófico-religiosos, tratados de astrologia, papiros mágicos e até manuais de alquimia ainda em um estado formativo. Dentre os tratados filosófico-religiosos, destaca-se uma coletânea organizada durante o Renascimento que reuniu diversos desses textos sob o título de *Corpus Hermeticum*. O elo que une essa diversidade documental é a figura de Hermes Trismegisto (*Ἑρμῆς Τρισμέγιστος*). Em quase todos esses registros, Trismegisto assume um papel central, seja como personagem principal, divindade cultuada, autor pseudoepígrafo ou, em alguns casos, desempenhando simultaneamente todas essas funções.

Embora a Literatura Hermética tenha desaparecido do Ocidente após a queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C., sua influência permaneceu viva nos grimórios mágicos que proliferaram na Europa medieval. Owen Davies, ao traçar uma linhagem de inspiração mágica para autores de obras pseudoepigráficas sobre magia, evidencia essa continuidade<sup>3</sup>. No Império Bizantino e no mundo islâmico medieval, a literatura hermética foi preservada, sendo objeto de estudos e discussões, como pode ser visto em obras como *The Arabic Hermes: From Pagan Sage to Prophet of Science* (2009), de Kevin van Bladel, e no artigo de Hendrik Jan Willen Drijvers, *Bardaisan of Edessa and the Hermetica: The Aramaic Philosopher and the Philosophy of His Time*, publicado em 1970 no periódico JEOL - Jaarbericht ex Oriente Lux.

---

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>3</sup> DAVIES, Owen. **Grimoires: a history of magic books**. New York: Oxford University Press, 2009, pp. 12-13.



Durante a Renascença italiana, em 1460, o monge Leonardo de Pistoia retornou a Florença depois de uma expedição a mando de Cosimo de' Medici para buscar manuscritos e textos antigos e trouxe consigo um manuscrito em grego, encontrado em um mosteiro macedônico, que continha tratados herméticos. Cosimo encarregou Marsilio Ficino (1433-1499) de traduzir esses antigos textos atribuídos a Hermes Trismegisto para o latim. Ficino é reconhecido como o maior expoente do Humanismo florentino, sendo um destacado tradutor e comentador das obras de Platão, além de ser o primeiro a traduzir e comentar os textos herméticos no Ocidente moderno<sup>4</sup>.

Em 1463, Ficino concluiu a tradução do manuscrito, no entanto, sua publicação ocorreu apenas em 1471, sob o título *Mercurii Trismegisti Liber de Potestate et Sapientia Dei*, ou simplesmente *Pimander*, em referência ao personagem central do primeiro tratado traduzido, Poimandres (*Ποιμάνδρης*). Esse manuscrito traduzido não correspondia inteiramente ao que hoje conhecemos como o *Corpus Hermeticum*, tratando-se do manuscrito *Laurentianus 71, 33 (A)*, composto por 14 dos 18 tratados que integram o Corpus. De 1471 a 1641, o *Pimander* de Ficino foi reeditado mais de vinte e cinco vezes, sem contar as transcrições e traduções para outros idiomas feitas a partir da versão latina de Ficino<sup>5</sup>.

Com a tradução de Ficino, Hermes Trismegisto e a Literatura Hermética passaram a exercer um papel de destaque no Ocidente moderno, influenciando filósofos, cientistas, alquimistas, cabalistas, místicos e praticantes de magia. Ao longo da história, a tradição hermética marcou profundamente as religiões e crenças, desde sua origem na antiguidade, passando pelo medievo e pelo mundo árabe, ressurgindo no Ocidente durante a Renascença e, posteriormente, na era

---

<sup>4</sup> CAMPANELLI, Maurizio. "Introduzione" In: FICINUS NOVUS. **Mercurii Trismegisti – Pimander, Sive, De potestate et sapientia dei**. Torino: Aragno, 2011, pp. LXI-LXIV.

<sup>5</sup> LIRA, David Pessoa de. **O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento: Uma Análise do Corpus Hermeticum IV. 3-6a**. Tese (Doutorado em Teologia), Faculdade EST, São Leopoldo, 2014, pp. 76-77; VAN DEN KERCHOVE, Anna. **La voie d'Hermès: Pratiques rituelles et traités hermétiques**. Leiden/ Boston: BRILL, 2012, pp. 2-3; HEISER, James. **Prisci Theologi and Hermetic Reformation in the Fifteenth Century**. Malone: Repristination Press, 2011, pp. 17-18; EBELING, Florian. **The Secret History of Hermes Trismegistus: Hermeticism from Ancient to Modern Times**. Ithaca/London: Cornell University Press, 2007, pp. 60-31.



moderna se tornando um pilar sustentador para diversos movimentos gnósticos, ordens iniciáticas e estudiosos do esoterismo ocidental<sup>6</sup>.

Ao longo deste artigo, exploraremos as principais abordagens que, em nossa análise, moldaram a interpretação dessas fontes documentais desde que a academia moderna as incorporou, no início do século XX, com destaque para a Escola Alemã de História das Religiões e a filologia. Posteriormente, essa interpretação foi significativamente influenciada por acadêmicos helenistas, entre os quais ressaltamos a contribuição marcante de André-Jean Festugière, cuja produção acadêmica se intensificou entre o segundo quartel e meados daquele século.

Em seguida, examinaremos as perspectivas reativas que propunham um retorno às fontes egípcias para a compreensão dessa documentação, com ênfase nos trabalhos de Philippe Derchain e, mais tarde, na obra de Jean-Pierre Mahé, cujo enfoque foi profundamente impactado pela descoberta dos códices de Nag Hammadi. No final do século XX, Garth Fowden introduz uma perspectiva multicultural, buscando um equilíbrio entre as posições extremas que prevaleciam até então.

Por fim, analisaremos as abordagens mais recentes do século XXI, que, em grande medida, são influenciadas pelas ideias de Fowden. Destacaremos também as novas perspectivas apontadas por Christian Bull a partir de 2018, com as quais comungamos, que tem por premissa a defesa de que a Literatura Hermética teria se originado pelos sacerdotes egípcios versados em grego.

### **Richard Reitzenstein e Walter Scott: A Literatura Hermética entre o Egito e Grécia**

No início do séc. XX, Richard August Reitzenstein (1861-1931), filólogo alemão e integrante da chamada *Religionsgeschichtliche Schule* (Escola da História da Religião) da Universidade de Göttingen, publicou um dos primeiros estudos com intenções acadêmicas sobre a literatura hermética, *Zwei religionsgeschichtliche Fragen nach ungedruckten griechischen Texten der Straßburger Bibliothek* em 1901 que posteriormente foi melhor desenvolvido

---

<sup>6</sup> PINCH, Geraldine. **Magic in Ancient Egypt**. London: British Museum Press, 2006, pp. 173-175.



em 1904 no livro *Poimandres: Studien zur griechisch-ägyptischen und frühchristlichen Literatur*. A obra de Reitzenstein forneceu as bases para muitos dos estudos posteriores sobre a literatura hermética, se tornando quase que obrigatória para aqueles que viessem a se debruçar sobre a temática depois da publicação do seu livro. Foi a partir dele que se tornou canônico chamar o conjunto de tratados inicialmente traduzido por Ficino como *Corpus Hermeticum*, antes de sua obra referir-se a este conjunto documental apenas como “*Pimander*”. O autor entendeu, a partir de uma perspectiva filológica, que a Literatura Hermética foi significativamente influenciada por conceitos e ideias egípcias, entretanto na sua época o estudo das fontes egípcias e o conhecimento da estrutura linguística da língua egípcia ainda engatinhavam.

Em 1924, Walter Scott, dando prosseguimento a abordagem filológica de Reitzenstein, publica o primeiro volume, da sua série de quarto, intitulada *Hermetica, The Ancient Greek And Latin Writings Which Contain Religious or Philosophic Teachings Ascribed To Hermes Trismegistus*. Os volumes seguintes foram publicados respectivamente em 1925, 1926 e 1936. Scott, diferente do filólogo alemão, considerou que a maioria das doutrinas contidas no *Corpus Hermeticum* são de origem grega, especificamente ligadas ao platonismo. Existe um grande problema nas obras do autor, o grande número de emendas e mudanças que fez na sua tradução do texto original, o que as tornaram inutilizáveis nos dias de hoje para uma reflexão acadêmica acurada. Para além disso, o autor propôs uma distinção que se tornou fundamental em todos os estudos subsequentes sobre o Hermetismo. Ele classificou a documentação hermética em duas categorias distintas:

A Hermética tratada neste livro pode ser descrita como "aqueles escritos gregos e latinos que contêm ensinamentos religiosos ou filosóficos atribuídos a Hermes Trismegisto". Não importa muito se dizemos "religiosos" ou "filosóficos"; os escritores em questão ensinaram doutrinas filosóficas, mas valorizaram essas doutrinas apenas como meios ou auxílios à religião.

Além destes, há outra classe de documentos, cujo conteúdo também é atribuído a Hermes Trismegisto; a saber, escritos relacionados à astrologia, magia, alquimia e formas afins de pseudociência. No entanto, em termos de conteúdo, estes últimos diferem fundamentalmente dos primeiros. As duas classes de escritores concordaram em atribuir o que escreveram a Hermes, mas em mais nada. Eles tinham pouco ou nada a ver

um com o outro; eram de calibres mentais muito diferentes; e na maioria dos casos é fácil decidir à primeira vista se um determinado documento deve ser atribuído a uma classe ou à outra. Portanto, estamos justificados em tratar a Hermetica "religiosa" ou "filosófica" como uma classe à parte e, para nosso propósito atual, ignorar as massas de bobagens que se enquadram na outra categoria.<sup>7</sup>

## O impacto de Festugière

André-Jean Festugière, entre 1944 e 1954, publica os quatro volumes da sua *La Revelation D'Hermes Trismegiste*. Festugière talvez seja o autor que mais tenha escrito sobre o hermetismo em nível acadêmico no mundo ocidental e por isso mesmo se tornou uma das maiores referências sobre a temática influenciando todas as gerações posteriores de investigações sobre os tratados herméticos. Entre 1945 e 1954, em parceria com Arthur Darby Nock, Festugière produziu também uma edição crítica em quatro tomos com tradução e comentários do Corpus *Hermeticum* que recebeu o mesmo nome do Corpus em suas publicações, mas que também compreendem o tratado *Asclepius Latino*, os *Stobaei Hermetica* e os *Fragmenta*. Esse trabalho se tornou uma das traduções mais respeitadas até os dias de hoje do que ficou conhecido como a Hermética filosófica ou filosófico-religiosa.

Festugière, tanto em *La Revelation*, quanto nas notas e comentários dos seus quatro tomos de tradução da Hermética, concordando e indo além da interpretação de Scott, delimitou a doutrina hermética nos contextos filosóficos de fonte puramente grega, tendo se originado em decorrência de um longo período de interpretação das obras de Platão. O autor era intransigente quanto a

---

<sup>7</sup> SCOTT, Walter (ed.). *Hermes Trismegistus. Hermetica: The Ancient Greek and Latin Writings which Contain Religious or Philosophical Teachings Ascribed to Hermes Trismegistus*. Oxford: Shambala, 1993, p. 1. Tradução nossa de: "The Hermetica dealt with in this book may be described as 'those Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus'. It does not much matter whether we say 'religious' or 'philosophic'; the writers in question taught philosophic doctrines, but valued those doctrines only as means or aids to religion. There is, besides these, another class of documents, the contents of which are also ascribed to Hermes Trismegistus; namely, writings concerning astrology, magic, alchemy, and kindred forms of pseudoscience. But in character of their contents these latter differ fundamentally from the former. The two classes of writers agreed in ascribing what they wrote to Hermes, but in nothing else. They had little or nothing to do with one another; they were of very different mental caliber; and it is in most cases easy to decide at a glance whether a given document is to be assigned to the one class or the other. We are therefore justified in treating the 'religious' or 'philosophical' Hermetica as a class apart, and, for our present purpose, ignoring the masses of rubbish which fall under the other head".



origem da documentação, para ele era inconcebível que o hermetismo não fosse helênico e manteve até o fim esta divisa, mesmo que para ele os tratados herméticos não expusessem ideias com a distinção e clareza habituais dentro da lógica do raciocínio grego antigo. Por conta disso ele interpretou de forma pejorativa que o hermetismo teria sido originado de mãos pseudointelectuais que em sua mediocridade tentavam imitar os grandes luminares da filosofia grega: “Isso é verdade, literalmente, para nossos *logoi herméticos*, com a diferença de que a cultura filosófica do hermetista é medíocre e seu pensamento sem originalidade e sem vigor”<sup>8</sup>.

Seguindo Walter Scott no que concerne a uma distinção da documentação, Festugière realizou ao seu turno uma classificação sistemática de duas grandes categorias da Literatura Hermética. Ainda primeiro volume de *La Revelation D'Hermes Trismegiste*, o autor distinguiu o *hermétisme populaire* (hermetismo popular) - que compreenderia um conjunto de práticas astrológicas, mágicas, alquímicas, teúrgicas e pseudocientíficas – do *hermétisme savant/ hermétisme philosophique* (hermetismo erudito/ hermetismo filosófico), que compreenderia os textos de caráter filosóficos e religiosos. Para Festugière, além de serem categorias distintas, elas também eram desconexas e inconciliáveis<sup>9</sup>. Essa classificação se tornou aceita em quase todos os estudos posteriores, até pelo menos meados da década de 1980, quando Garth Fowden<sup>10</sup> apresenta uma nova perspectiva de nomenclatura para as categorias.

### **Um retorno ao Egito: De Stricker aos códices de Nag Hammadi**

B. H. Stricker, em 1949 publica o pequeno artigo *The Corpus Hermeticum*, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Leiden, nele pela primeira vez em aproximadamente quatro décadas surge uma voz em defesa de uma origem egípcia dos tratados herméticos. Embora as proposições

---

<sup>8</sup> FESTUGIÈRE, André-Jean. **La rivelazione di Ermete Trismegisto. Il dio cosmico. v. 2.** Milão: Mimesis, 2020, p. 581. Tradução nossa de: “Ciò vale, alla lettera, per i nostri logoi ermetici, con la differenza che la cultura filosofica dell' ermetista è mediocre e il suo pensiero senza originalità e senza vigore”.

<sup>9</sup> FESTUGIÈRE, André-Jean. **La Revelation D'Hermes Trismegiste. V. 1.** Paris: Gabalda, 1950, p. 362.

<sup>10</sup> Discutiremos as contribuições do autor ainda neste artigo.



do autor aí careçam de maiores desenvolvimentos e em alguns casos até de comprovação documental, foi a partir dele que se lançaram as sementes de uma outra compreensão da concepção da Literatura Hermética. Stricker defendeu uma tese sobre a literatura hermética onde, segundo o autor:

Os escritos herméticos contêm, em uma apresentação compreensível para o leitor grego, exposições do sistema de filosofia e ciência, desenvolvido ou ao menos professado, pelo sacerdócio egípcio durante o último milênio antes da nossa era.<sup>11</sup>

Em 1962 vem à luz um artigo do egiptólogo belga Philippe Derchain intitulado *L'authenticité de l'inspiration égyptienne dans le Corpus Hermeticum* que devedor da formulação inicial apontada por Stricker avança em uma proposição que tenta ler a influência egípcia nos tratados herméticos sob o prisma do período helenístico em que eles se apresentam, examinando símbolo e imagem. Derchain considera que a apropriação da temática pelos egiptólogos seria salutar uma vez que poderia expandir a interpretação dos textos em questões até então sombreadas. O egiptólogo defende que o estudo dos sistemas religiosos/filosóficos que existiram nos rincões orientais do mundo helenístico, logicamente deve ser duplo: por um lado cabe aos helenistas analisarem os métodos e meios de expressão desses sistemas, o que sem dúvidas levará a pesquisa ao campo da filosofia grega, por outro lado, cabe aos “orientalistas” detectar, sob as vestes gregas, o corpo das tradições “orientais”. Entretanto, ainda segundo o autor, por um estranho caminho da ciência moderna onde não se colocam questionamentos sobre a influência de fundamentos judaicos ou persas em certos sistemas, em outros se reduz a quase nada a influência egípcia. Neste ponto o autor inicia uma crítica a helenistas como André-Jean Festugière, que segundo Derchain, em suas obras conduz o leitor a interpretar que o hermetismo como uma manifestação degenerada da filosofia grega e desconsidera totalmente a inspiração nas fontes egípcias para a sua construção enquanto sistema religioso e de pensamento<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> STRICKER, B.H. “The Corpus Hermeticum”. **Mnemosyne**. Vol 2, 1949, p. 79. Tradução nossa de: “The Hermetic writings contain, in a presentation comprehensible to the greek reader, expositions of the system of philosophy and science, developed, or at least professed, by the Egyptian priesthood during the last millenium before the beginnning of our era”.

<sup>12</sup> DERCHAIN, Philippe. “L'authenticité de l'inspiration égyptienne dans le « Corpus Hermeticum »”. **Revue de l'histoire des religions**, tome 161 n°2, 1962, p. 176.



Derchain salienta que Stricker foi o primeiro pesquisador acadêmico, naquele tempo, a defender uma posição de autenticidade da origem egípcia no *Corpus Hermeticum*. Segundo o autor, Stricker foi ainda além ao creditar aos soberanos da Dinastia Ptolomaica (305-31 a.C.), uma ação para promover a unidade do seu império, ordenando aos sacerdotes que codificassem os tratados herméticos traduzindo o conhecimento e a sabedoria egípcia sob a ótica e expressão helênica<sup>13</sup>.

O historiador marxista italiano, Arnaldo Momigliano, em 1975, no seu clássico *Os limites da helenização: Interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*, investigou os encontros culturais entre os gregos e suas civilizações vizinhas, sobretudo no período que é chamado de helenístico. Para Momigliano a Literatura Hermética se reduz a um ramo da literatura helenística que tinha por objetivo parecer egípcia no intuito da obtenção de prestígio por seus leitores. A literatura hermética em si, para o autor seria um produto de pouco valor, considerada por ele enquanto uma “curiosidade esotérica” e feita pelos gregos para uma camada inferior da população helenística que não possuía aspirações políticas.

Novamente nos deparamos com o dilema da civilização helenística. Ela possuía todos os meios para conhecer outras civilizações - exceto o domínio das línguas. Possuía todos os sinais de uma classe alta vitoriosa e dominante - exceto a confiança no próprio saber. Muitos dos gregos voltados para a política escolheram Roma; muitos dos voltados para a religião foram para uma Pérsia imaginária ou um Egito imaginário. Com o declínio dos êxitos políticos do helenismo, as questões duvidosas aumentaram e estimularam os fracos de espírito e os inescrupulosos a oferecer saídas fáceis em textos que não podiam ser genuínos.<sup>14</sup>

Momigliano entendia a Literatura Hermética como “não genuína”, desenvolvendo as proposições lançadas no passado por Festugière numa perspectiva diferente, agora guiada pelo materialismo histórico tradicional, que opunha a práxis religiosa e o compromisso político enquanto paradigmas antagônicos. No seu entendimento os textos herméticos eram uma mistura de

---

<sup>13</sup> DERCHAIN, Philippe. *Op. Cit.* 1962, p. 177; STRICKER, B.H. *Op. Cit.* 1949, pp. 79-80.

<sup>14</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização**. Trad. Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 131.



filosofia neopitagórica e neoplatônica que se vendiam como um atraente e exótico misticismo egípcio.

Na contramão da posição de Momigliano, Thomas McAllister Scott, na Universidade de Harvard em 1987, defendeu uma tese de doutorado em teologia denominada *Egyptian Elements In Hermetic Literature*, nela o autor toma por base a metodologia proposta por Derchain e analisa as categorias previamente colocadas por ele, sendo assim uma expansão do trabalho do egiptólogo belga.

Outrossim, cabe aqui também salientar o impacto que a descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi teve sobre a compreensão da Literatura Hermética. Em 1945, no entorno da cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito, na região da atual Luxor, a antiga Tebas (Uaset) dos faraós, próximo a um rochedo íngreme denominado de Jabal al-Tarif, um beduíno chamado Muhammed Ali, acidentalmente, na sua busca por fertilizante natural descobriu um jarro de cerâmica lacrado, datado do séc. IV d.C., contendo treze códices de papiro escritos em Copta. Nestes códices foi possível identificar cinquenta e duas traduções coptas de textos originalmente conhecidos em grego. Dentre estes códices um em particular merece ser destacado, o NHC VI, nele encontram-se textos de naturezas diferentes e dentre eles três textos herméticos, o primeiro deles era até então desconhecido, são eles os tratados 6, 7 e 8 do códice, correspondentes a *De Ogdoade et Enneade*, *a Oração de Ação de graças* - acompanhada de uma peculiar nota escribal- e o *Logos Teleilos*<sup>15</sup>.

Nos anos de 1970 surgem as primeiras traduções e publicações dos NHC, incluindo aí os textos de natureza hermética, a partir daí em paralelo ao caminho traçado por Sticker, Derchain e posteriormente de McAllister Scott, cada vez mais se caminha em uma direção diferente da proposta por Festugière. A Hermética, apesar de uma certa resistência dos helenistas oriunda justamente da perspectiva “Festugieriana”, passa a não ser mais vista enquanto unicamente um produto originado da cultura grega, mas começa-se antever que também existem elementos helenizados de uma tradição religiosa egípcia presentes na documentação.

Jean-Pierre Mahé, em 1978, publica o primeiro tomo da sua obra *Hermès en Haute-Égypte, t. 1: Les textes hermétiques de Nag Hammadi et leurs*

<sup>15</sup> EBELING, Florian. *Op. Cit.*, 2007, p. 11.



*parallèles grecs et latins*, e em 1982 o segundo tomo, *Hermès en Haute-Égypte, t. 2: Le fragment du Discours parfait et les Définitions hermétiques arméniennes*. Neles o filólogo e orientalista francês editou os três tratados herméticos oriundos dos *NHC* e comparou os textos herméticos em grego, latim, copta e armênio. Mahé, ao seu modo, pôs em prática ideias aventadas anteriormente por seus antecessores que até então não podiam ser realizadas pelo desconhecimento à época dos tratados da Biblioteca de Nag Hammadi ou ulteriormente da sua tradução. Ele compreendia a esse ponto a Hermética de certa forma enquanto uma tentativa originalmente ptolomaica de codificação da religião egípcia.

### **Garth Fowden e o Hermes egípcio**

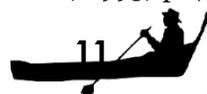
Em 1986, com a publicação de *The Egyptian Hermes: a historical approach to the late pagan mind*, Garth Fowden, propõe uma perspectiva alternativa à dicotomia até então apresentada no cenário acadêmico quanto a origem da Literatura Hermética. O historiador inglês levanta a possibilidade de uma matriz multicultural. Enfatizando alguns elementos que não se enquadram nem na perspectiva egípcia e tão pouco na grega, o autor sustenta que a Hermética poderia ser resultante de um processo múltipla autoria que ao longo de várias gerações foi aglutinando várias origens e influências culturais presentes no mundo helenizado do Mediterrâneo antigo.

De acordo com Fowden,

[...] é claro que nenhuma das posições extremas ocupadas por Festugière e Mahé são passíveis de justificativa, uma vez que se trata de uma cultura sincretista cujos elementos, especialmente do período romano, não eram facilmente separáveis. O egípcio (relativamente) não helenizado se expressou na linguagem e nos padrões de pensamento da tradição nativa, mas o que escreveu, como nas Instruções, pode muito bem se basear e ser inspirado pelo que estava sendo escrito ao mesmo tempo em hebraico, aramaico e grego. Da mesma forma, o egípcio helenizado escreveu na língua grega, a cuja expressividade era sensível e pensava em categorias gregas, cuja sutileza explorou. Mas, uma vez moldado por essa cultura, ele se tornou primeiro seu portador, depois seu árbitro.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> FOWDEN, Garth. **The Egyptian Hermes: A Historical Approach to Late Pagan Mind**. Princeton: Princeton University Press, 1993, p. 73. Tradução nossa de: "...makes clear



Mais adiante na conclusão da sua obra, Fowden define sua visão sobre o Hermetismo:

Como um caminho espiritual prático, o Hermetismo foi um produto característico do *milieu* de língua grega no Egito descrito na primeira parte deste estudo - embora as traduções coptas mostrem que ao menos parte da literatura também foi disponibilizada aos egípcios que não sabiam grego. E, no entanto, como o próprio Egito helenístico e romano, o hermetismo fazia parte de um todo mediterrâneo mais amplo, um mundo com sua intelectualidade e linguística *koinē*. Os livros de Hermes, tanto os filosóficos, quanto técnicos, tiveram ampla divulgação no império romano, sua doutrina tipificava e combinava a literatura do mundo romano com o orientalismo e sua aspiração pelo conhecimento revelado.<sup>17</sup>

Garth Fowden foi o primeiro acadêmico, após Festugière, a propor uma nova classificação para as categorias da Literatura Hermética. O historiador introduziu os termos *Technical Hermetica* (Hermética Técnica) e *Philosophical Hermetica* (Hermética Filosófica) para designar as duas principais categorias de textos que compõem essa tradição. Sem desqualificar as terminologias anteriores, ele cunhou essa nova nomenclatura com base nas características essenciais de cada uma delas. A primeira, denominada Hermética Técnica, abrange textos que se dedicam a ensinar técnicas e práticas com fins específicos, como alquimia, astrologia e magia. Já a segunda, chamada Hermética Filosófica, consiste em discursos de natureza filosófica que buscavam, por meio

---

that neither of the extreme positions occupied by Festugière and Mahé are likely to be justifiable, since we are dealing with a syncretistic culture whose elements, especially by the Roman period, were not easily separable. The (relatively) unhellenized Egyptian expressed himself in the language and thought-patterns of the indigenous tradition, but what he wrote, as in the Instructions, might well draw on and be drawn on by what was being written at the same time in Hebrew, Aramaic and Greek. By the same token the Hellenized Egyptian wrote the Greek language, to whose expressiveness he was sensitive, and thought in Greek categories, whose subtlety he exploited. But once he had been moulded by that culture, he became first its bearer, then its arbiter.”

<sup>17</sup> FOWDEN, Garth. *Op. Cit.* 1993, p. 213. Tradução nossa de: “As a practical spiritual way, Hermetism was a characteristic product of the Greek-speaking milieu in Egypt described in the first part of this study - though the Coptic translations show that some at least of the literature was eventually also made available to Egyptians who did not know Greek. And yet, like Hellenistic and Roman Egypt itself, Hermetism was part of a wider Mediterranean whole, a world with its intellectual as well as its linguistic koine. The books of Hermes, both philosophical and technical, enjoyed wide dissemination in the Roman empire, while their doctrine typified and combined the Roman world’s literary and religious orientalism, and its yearning for revealed knowledge”.

de ensinamentos religiosos, transcender as limitações da *Ειμαρμενη* (*Heimarmene*), ou destino, presentes na cosmovisão antiga.<sup>18</sup>

Embora Fowden não tenha feito críticas diretas às classificações anteriores, a repercussão de seu livro influenciou profundamente os estudos posteriores sobre o Hermetismo, levando à adoção generalizada dessa nova terminologia. Além disso, os acadêmicos começaram a refletir criticamente sobre as antigas classificações. Um exemplo é Brian Copenhaver, que ressaltou que não há evidências claras de que a Hermética Técnica fosse mais popular do que a Hermética Filosófica na Antiguidade.<sup>19</sup>

Na esteira das pesquisas sobre elementos egípcios na literatura hermética surgem os artigos *Κόρη κόσμου: Isis, pupil of the eye of world* (1986) de H. Jackson e *Ancient Egyptian Thought and the XVIth Hermetic Tractate* (1989) de Jørgen Podemann Sørensen. O primeiro, investiga em um contexto greco-egípcio um importante texto hermético que chegou até os dias de hoje por meio das compilações de Joannes Stobaeus, trata-se do *Kore Kosmou*, ou como também ficou conhecido, “A Pupila do Mundo”. Em uma descrição sucinta o texto trata-se de uma instrução hermética realizada em uma estrutura similar aos tratados do *Corpus Hermeticum*, nele a preleção de conhecimento é feita pela deusa Ísis ao seu filho Hórus. Já no segundo artigo citado, Sørensen em uma perspectiva comparada justapõe o C.H. XVI a diversas fontes egípcias, dentre elas o drama cósmico representado nas paredes do templo ptolomaico de Edfu, dedicado ao deus Hórus. Por meio das “imagens” produzidas tanto pelo tratado do C.H., quanto pelas fontes egípcias, o autor traça possibilidades de uma interpretação helenística do pensamento religioso egípcio em um contexto de interação cultural.

### O primeiro quartel do séc. XXI

Já no séc. XXI, em 2003, J. Peter Södergård defendeu a tese *The Hermetic Piety of the Mind: A Semiotic and Cognitive Study of the Discourse of Hermes Trismegistos* na Universidade de Uppsala. A tese, publicada no mesmo

---

<sup>18</sup> FOWDEN, Garth. *Op. Cit.* 1993, pp. 1-7.

<sup>19</sup> COPENHAVER, Brian. **HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction.** New York: Cambridge University Press, 2000, p. xxxvi.

ano, possui uma premissa bastante original ao usar a metodologia semiótica para tentar entender como o leitor antigo recebia a literatura hermética. O autor esmiúça o conceito do *nous* hermético a partir dos discursos de Hermes Trismegisto sob a forma de instruções em nome de Hermes ou de algum dos seus pupilos. O objetivo de Södergård consiste em delinear como os leitores seriam aduzidos pelos próprios textos para dentro das instruções em forma de diálogo, assumindo assim o papel das personagens e conseqüentemente seriam iniciados a partir da leitura. Para o autor, a Hermética filosófica desempenha uma função textual performativa.<sup>20</sup>

Em 2005, Florian Ebeling publica *Das Geheimnis des Hermes Trismegistos: Geschichte des Hermetismus von der Antike bis zur Neuzeit*. Devedor das perspectivas teóricas da Memória Cultural de Jan e Aleida Assmann, Ebeling traça um panorama histórico da figura de Hermes Trismegisto e do Hermetismo desde a Antiguidade até o Séc. XX. Apesar de não focar no Hermetismo na Antiguidade e sim no seu percurso ao longo da história, a obra lança possibilidades da aplicação das perspectivas teóricas acima elencadas na compreensão do Hermetismo antigo. O livro é prefaciado pelo próprio Jan Assmann e ganhou maior notoriedade a partir da publicação de sua tradução em inglês em 2007 pela Cornell University Press, sob o título de *The Secret History of Hermes Trismegistus: Hermeticism from Ancient to Modern Times*.

Richard Jasnow e Karl-Theodor Zauzich, também em 2005, trazem à luz da comunidade acadêmica os dois tomos da sua obra intitulada *The Ancient Book of Thoth: A Demotic Discourse on Knowledge and Pendant to the Classical Hermetica*. A impactante obra dos autores apresentou ao mundo o Livro de Thoth, composto por discursos multifacetados onde o deus Thoth aparece em diálogos instrutivos com o seu discípulo *Mr-rh* em uma clara semelhança com os textos que compõem a chamada Hermética filosófica. A tradução do nome do discípulo pode ser compreendida por nós enquanto “amante da sabedoria” ou “amigo da sabedoria” tal qual a palavra *φιλόσοφος*

---

<sup>20</sup> SÖDERGÅRD, J. Peter. **The Hermetic piety of the mind: a semiotic and cognitive study of the discourse of Hermes Trismegistos**. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 2003, p. 287.

(filósofo) grega<sup>21</sup>. Os documentos traduzidos e analisados por Jasnow e Zauzich são compostos de fragmentos em demótico e hierático originários de vários locais do Egito e foram datados dos sécs. I a.C. a II d.C., de acordo com os egiptólogos. A partir da sua pesquisa, aventa-se, que a Literatura Hermética teria sido escrita em grego ao mesmo tempo em que textos de conteúdo e forma semelhantes foram desenvolvidos nos templos egípcios. O estudo dos autores supracitados também ocasionou uma mudança na datação comprovável da Hermética filosófica, que na compreensão de Garth Fowden estava fixada entre os séculos II a IV d.C., portanto, originária do Egito romano e contemporânea do Cristianismo. Com o conhecimento do Livro de Thoth, a Hermética filosófica pode ser datada a partir de I a.C. o que compreende o Egito helenístico dos Ptolomeus e é anterior ao Cristianismo.

Evidentemente, a obra de Jasnow e Zauzich causou uma grande repercussão entre os pesquisadores que se debruçavam sobre a temática e inclusive antes mesmo da publicação do trabalho dos dois, em 1996, Jean-Pierre Mahé publicou um artigo<sup>22</sup> com suas considerações sobre um relatório preliminar da pesquisa em desenvolvimento apresentada pelos dois autores na última Conferência de Egiptologia na Universidade de Cambridge anterior à publicação do artigo no periódico *Vigiliae Christianae*. Posteriormente, em 2014, Richard Jasnow e Karl-Theodor Zauzich publicaram uma nova versão do seu estudo, *Conversations in the House of Life: A New Translation of the Ancient Egyptian Book of Thoth*, onde apresentaram uma nova tradução dos textos e o resultado do acúmulo da pesquisa desde 2005. Nessa nova versão em um tomo procuraram ser mais sintéticos e utilizar uma linguagem que permitisse também o acesso ao estudo do grande público não-acadêmico.

Ronaldo Gurgel Pereira, historiador e egiptólogo brasileiro, defendeu em 2010, na Universität Basel a tese de doutorado em egiptologia *The Hermetic Logos: Reading the Corpus Hermeticum as a Reflection of Graeco-Egyptian Mentality*. Na tese, Pereira analisa os resultados do entrelaçamento cultural do

---

<sup>21</sup> JASNOW, Richard; ZAUZICH, Karl-Theodor. **The Ancient Egyptian Book of Thoth: A Demotic Discourse on Knowledge and Pendant to the Classical Hermetica**. Wiesbaden: Otto Harrasowitz, 2005, pp. 13-14.

<sup>22</sup> MAHÉ, Jean-Pierre. "Preliminary Remarks On the Demotic Book of Thoth and the Greek Hermetica". *Vigiliae Christianae*, 50, 4, 1996, pp. 353-363.

Egito e Grécia no contexto de uma mentalidade que abarca os universos simbólicos das duas culturas. Na perspectiva do autor, a cultura helenística no Egito foi resultado de relações complexas entre dois universos simbólicos, que por muitos séculos coexistiram no mesmo espaço físico. Como resultado desse encontro, a percepção de uma cultura sobre si mesma e os elementos que a diferenciam de outra cultura tornam-se turvas e sofrem transformações constantes, graduais e sempre imprevisíveis. Para Pereira, é importante salientar que essas mudanças são moldadas pela forma como os indivíduos entendem, classificam e interagem com o mundo que os rodeia, ou seja, a nível político, religioso, cultural e social. O resultado de tal transformação de culturas é um novo universo simbólico que contém uma nova visão de mundo substituindo tanto os discursos egípcios quanto os helênicos tradicionais. Assim, o nascimento do meio hermético no Egito coincidiria com uma percepção de uma realidade recém-fundada<sup>23</sup>. Pereira já traz para sua tese a perspectiva apontada por Jasnow e Zauzich e considera a origem da Hermética filosófica como situada no Egito ptolomaico.

Em 2012, Anna Van den Kerchove, publicou *La voie d'Hermès: Pratiques rituelles et traités hermétiques*, tese defendida no ano anterior na École Pratique des Hautes Études de Paris. Nela a autora aborda o hermetismo enquanto corrente pertencente à sabedoria egípcia em um contexto greco-egípcio de tradições. Van den Kerchove explora e analisa as práticas rituais, a partir dos textos grego, latino e copta.

Em 2014, no Brasil, David Pessoa de Lira defendeu a tese de doutorado em teologia *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento: Uma Análise do Corpus Hermeticum IV. 3-6a* na Faculdade EST. O autor além de ter lançado na academia brasileira os debates sobre o hermetismo em língua portuguesa, ainda considera as influências egípcias por meio da análise da correlação de trechos do CH. IV com o Hino da Aparição Onírica da deusa egípcia Hathor, ajuntando também elementos latinos e do universo judaico-cristão na interpretação dessas passagens. No entanto, discussões como as levantadas por Jasnow e Zauzich ficaram de fora do seu trabalho. Em 2023, o autor publicou a primeira tradução

---

<sup>23</sup> PEREIRA, Ronaldo Gurgel. **The Hermetic Logos: Reading the Corpus Hermeticum as a Reflection of Graeco-Egyptian Mentality.** Tese (Doutorado em egiptologia). Universidade de Basel, Basel, 2010, pp. 226-229.

integral do *Corpus Hermeticum* direto do texto grego para a língua portuguesa. A edição apresenta a tradução, os textos originais baseados na edição crítica de Festugière e Nock, além de prefácio, introdução, notas e glossário. Na introdução o autor reelabora muito do conteúdo que já esboçara em sua tese.

Christian Bull, em *The Tradition of Hermes Trismegistus: The Egyptian Priestly Figure as a Teacher of Hellenized Wisdom* (2018), argumenta que a autoria dos tratados herméticos pode ser atribuída aos sacerdotes egípcios. Apoiado tanto pela apropriação de estereótipos<sup>24</sup> proposta por David Frankfurter<sup>25</sup> quanto pelas características bilíngues dos sacerdotes egípcios<sup>26</sup> indicadas por Jacco Dieleman<sup>27</sup>, Bull apresenta sete argumentos que reforçam essa posição, incluindo o papel de Hermes-Toth na identidade sacerdotal, a relevância de mitos e astrologia hermética nos templos, além de evidências internas e externas que corroboram a aceitação dos textos como sabedoria egípcia transmitida por sacerdotes<sup>28</sup>.

Bull critica a tendência dos helenistas de tratar os sacerdotes egípcios apenas como figuras exóticas, ignorando sua realidade social e seu papel como intelectuais inseridos no contexto greco-romano. Ele defende que é essencial compreender o papel legitimador do mito de uma tradição contínua de sabedoria divina, que servia aos interesses institucionais dos templos egípcios, responsáveis pela preservação de escritos teológicos e rituais com milênios de antiguidade. Ainda que a mudança linguística tenha interrompido a transmissão de algumas dessas tradições, Bull observa que há uma continuidade significativa entre os textos do período greco-romano e os do Novo Império<sup>29</sup>.

---

<sup>24</sup> Frankfurter, demonstrou que os papiros mágicos greco-egípcios foram uma resposta dos sacerdotes egípcios à rígida política de Roma em relação ao clero. Desprestigiados pela administração imperial, os sacerdotes recorreram à sua reputação como sábios e magos para se estabelecerem como empreendedores religiosos, processo que Frankfurter chama de “*stereotype-appropriation*”, apropriação de estereótipo.

<sup>25</sup> FRANKFURTER, David. **Religion in Roman Egypt**. Princeton: Princeton University Press, 1998, p. 225.

<sup>26</sup> Dieleman defende que os sacerdotes escribas egípcios bilíngues eram conscientes do uso da escrita, empregando o grego e o egípcio para diferentes finalidades. Segundo Dieleman, ao escreverem em grego, esses sacerdotes adotavam um estilo distinto daquele usado nas formas de escrita egípcia, como o demótico.

<sup>27</sup> DIELEMAN, Jacco. **Priests, Tongues, and Rites: The London-Leiden Magical Manuscripts and Translation in Egyptian Ritual (100–300 CE)**. Leiden: BRILL, 2005, pp. 104-110.

<sup>28</sup> BULL, Christian. **The Tradition of Hermes Trismegistus: The Egyptian Priestly Figure as a Teacher of Hellenized Wisdom**. Leiden/Boston: BRILL, 2018, pp. 429-430.

<sup>29</sup> BULL, Christian. *Op.Cit.*, 2018, p. 429-430.

Bull conclui que o conjunto de evidências, quando analisado de forma cumulativa, aponta fortemente para os sacerdotes egípcios como os verdadeiros autores dos textos herméticos atribuídos a Hermes Trismegisto. Ele ressalta que esses sacerdotes não apenas escreviam, mas também realizavam rituais iniciáticos e lideravam grupos religiosos, desempenhando um papel ativo na transmissão da sabedoria egípcia no mundo greco-romano<sup>30</sup>.

### **Considerações finais**

A partir do desenvolvimento acadêmico dos estudos sobre a Literatura Hermética, observa-se que as diversas abordagens produzidas a partir dela, têm gerado debates significativos sobre a origem e natureza desses textos. No entanto, ao longo do período em foco, a prevalência de uma leitura helenista, em grande parte influenciada por autores como André-Jean Festugière, promoveu a ideia de que esta documentação seria exclusivamente de origem grega. Essa visão, ainda que sólida ao seu tempo, foi aos poucos desafiada por novos achados e por uma maior compreensão do contexto multicultural do Egito helenístico e romano.

Dentre essas abordagens revisionistas, destacam-se as contribuições de Christian Bull, que propõe a autoria egípcia dos textos herméticos, atribuindo-os aos sacerdotes locais versados em grego. Bull defende que esses sacerdotes desempenhavam um papel essencial na preservação e transmissão de tradições de sabedoria divina, sustentando que a literatura hermética reflete uma fusão entre o pensamento religioso egípcio e a linguagem e filosofia gregas. Ao enfatizar essa continuidade entre as tradições egípcias e os textos herméticos, Bull apresenta uma nova perspectiva que desafia a tendência de desconsiderar as raízes egípcias desses documentos.

No decorrer deste artigo, a análise das diferentes abordagens que compõem o percurso acadêmico da Literatura Hermética deixou claro que a visão exclusivamente helenista não é mais suficiente para abarcar toda a complexidade dessa tradição. A partir dos argumentos de Bull e de outros pesquisadores contemporâneos, que evidenciam a participação ativa dos sacerdotes egípcios na construção desses textos, torna-se incontestável a defesa

---

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 459.

de uma origem egípcia para a Literatura Hermética. Essa posição reafirma a importância de reconhecer o Egito como berço não apenas de tradições religiosas locais, mas também de contribuições fundamentais para o pensamento filosófico e religioso do Mediterrâneo antigo.

Portanto, à luz do percurso debatido neste trabalho, defendemos que a Literatura Hermética deve ser interpretada como fruto de um sincretismo cultural, no qual os sacerdotes egípcios, enquanto intelectuais bilíngues, desempenharam um papel central na sua criação e disseminação. Essa perspectiva não só enriquece a compreensão dos textos herméticos, mas também abre novas possibilidades para estudos futuros, que poderão investigar com mais profundidade as interações culturais que deram origem a essa tradição complexa e multifacetada.

**Data de submissão:** 21/10/2024

**Data de aceite:** 29/11/2024

## Referências

BULL, Christian. **The Tradition of Hermes Trismegistus: The Egyptian Priestly Figure as a Teacher of Hellenized Wisdom.** Leiden/Boston: BRILL, 2018.

COPENHAVER, Brian. **HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction.** New York: Cambridge University Press, 2000.

DAVIES, Owen. **Grimoires: a history of magic books.** New York: Oxford University Press, 2009.

DERCHAIN, Phillippe. “L'authenticité de l'inspiration égyptienne dans le « Corpus Hermeticum »”. **Revue de l'histoire des religions**, tome 161 n°2, 1962.

DIELEMAN, Jacco. **Priests, Tongues, and Rites: The London-Leiden Magical Manuscripts and Translation in Egyptian Ritual (100–300 CE).** Leiden: BRILL, 2005.

DRIJVERS, H. J. W. “Bardaisan of Edessa and the Hermetica: *The Aramaic Philosopher and the Philosophy of His Time*”. **JEOL**, 21, 1970.

EBELING, Florian. **The Secret History of Hermes Trismegistus: Hermeticism from Ancient to Modern Times.** Ithaca/London: Cornell University Press, 2007.

FESTUGIÈRE, André-Jean. **La Revelation D'Hermes Trismegiste. V. 1.** Paris: Gabalda, 1950.

\_\_\_\_\_. **La rivelazione di Ermete Trismegisto. Il dio cosmico. v. 2.** Milão: Mimesis, 2020.

FICINUS NOVUS. Mercurii Trismegisti. **Pimander, Sive, De potestate et sapientia dei.** Torino: Aragno, 2011.

FOWDEN, Garth. **The Egyptian Hermes: A Historical Approach to Late Pagan Mind.** Princeton: Princeton University Press, 1993.

FRANKFURTER, David. **Religion in Roman Egypt.** Princeton: Princeton University Press, 1998.

HEISER, James. **Prisci Theologi and Hermetic Reformation in the Fifteenth Century.** Malone: Repristination Press, 2011.

JACKSON, H. M. "Κόρη Κόσμου: Isis, Pupil of the Eye of the World". **Chronique d'Égypte.** 61: 116–35, 1986.

JASNOW, Richard; ZAUZICH, Karl-Theodor. **The Ancient Egyptian Book of Thoth: A Demotic Discourse on Knowledge and Pendant to the Classical Hermetica.** Wiesbaden: Otto Harrasowitz, 2005.

LIRA, David Pessoa de (org.). **Corpus Hermeticum Graecum.** Texto bilingue: grego/português. São Paulo: Cultrix, 2023.

\_\_\_\_\_. **O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento: Uma Análise do Corpus Hermeticum IV. 3-6a.** Tese (Doutorado em Teologia), Faculdade EST, São Leopoldo, 2014.

MAHÉ, Jean-Pierre. "Preliminary Remarks On the Demotic Book of Thoth and the Greek Hermetica". **Vigiliae Christianae,** 50, 4, 1996.

MAHÉ, Jean-Pierre. **Hermes En Haute Egypte. Les Textes Hermetiques de Nag Hammadi Et Leurs Paralleles Grecs Et Latins.** Tome I. Québec: Presses de l'Université Laval, 1978.

MAHÉ, Jean-Pierre. **Hermès en haute-Egypte: Le Fragment du Discours parfait et les Définitions Hermetiques Arméniennes.** Tome II. Québec: Presses de l'Université Laval, 1982.

McALLISTER SCOTT, Thomas. **Egyptian Elements In Hermetic Literature.** Tese (Doutorado em teologia). The Faculty of Harvard Divinity School Cambridge, 1987.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização.** Trad. Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

NOCK, Arthur Darby.; FESTUGIÈRE, André-Jean (eds.). **Hermès Trismégiste. Corpus Hermeticum. Tome I.** Paris, Les Belles Lettres, 1960.

NOCK, Arthur Darby; FESTUGIÈRE, André-Jean (eds.). **Hermès Trismégiste. Corpus Hermeticum. Tome II.** Paris, Les Belles Lettres, 1945.

PEREIRA, Ronaldo Gurgel. **The Hermetic Logos: Reading the Corpus Hermeticum as a Reflection of Graeco-Egyptian Mentality.** Tese (Doutorado em egiptologia). Universidade de Basel, Basel, 2010.

PINCH, Geraldine. **Magic in Ancient Egypt.** London: British Museum Press, 2006.

REITZENSTEIN, Richard. **Poimandres: Studien zur Griechisch-Ägyptischen und frühchristlichen Literatur.** Leipzig: B.G. Teubner, 1922.

SCOTT, Walter (ed.). **Hermes Trismegistus. Hermetica: The Ancient Greek and Latin Writings which Contain Religious or Philosophical Teachings Ascribed to Hermes Trismegistus.** Oxford: Shambala, 1993.

SÖDERGÅRD, J. Peter. **The Hermetic piety of the mind: a semiotic and cognitive study of the discourse of Hermes Trismegistos.** Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 2003.

SØRENSEN, Jørgen. "Ancient Egyptian Religious Thought and the XVIth Hermetic Tractate", in: ENGLUND, Gertie (ed.). **The Religion of the Ancient Egyptians: Cognitive Structures and Popular Expressions.** Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1989.

STRICKER, B.H. "The Corpus Hermeticum". **Mnemosyne.** Vol 2, 1949.

VAN BLADEL, Kevin. **The Arabic Hermes: From Pagan Sage to Prophet of Science.** Oxford/New York: Oxford University Press, 2009.

VAN DEN KERCHOVE, Anna. **La voie d'Hermès: Pratiques rituelles et traités hermétiques.** Leiden/ Boston: BRILL, 2012.